

PSICANÁLISE E POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA: UMA ANÁLISE DA "ESQUERDA PSICANALÍTICA" DE FREUD A LACAN

Rubens Díodoro Ferreira Cardoso

Elisa Gonçalves Rodrigues

Resumo: Este artigo examina a profícua interseção entre a política revolucionária e a psicanálise desde Freud até a "esquerda lacaniana". Investigamos as condições históricas e teóricas que permitiram a conjugação entre estes campos, tratando-se de uma análise na/da psicanálise. Entrelaçamos investigação teórica com o materialismo histórico-dialético, rastreando a evolução conceitual em jogo nesta relação, bem como os contextos sociais que possibilitaram a concepção de uma psicanálise politicamente revolucionária. Nutrirmos a aposta de que reavivar as raízes populares da psicanálise poderá salvaguardá-la de derivar para a defesa do capitalismo liberal em cenários de crises políticas concretas.

Palavras-chave: Psicanálise, Política, Revolução.

PSYCHOANALYSIS AND REVOLUTIONARY POLITICS: AN ANALYSIS OF THE "PSYCHOANALYTICAL LEFT" FROM FREUD TO LACAN

Abstract: This article examines the fruitful intersection between revolutionary politics and psychoanalysis from Freud to the "Lacanian left". We investigated the historical and theoretical conditions that allowed the conjugation between these fields, in the case of an analysis in/of psychoanalysis. We intertwine theoretical investigation with historical-dialectical materialism, tracing the conceptual evolution at play in this relationship, as well as the social contexts that enabled the conception of a politically revolutionary psychoanalysis. We nurture the bet that reviving the popular roots of psychoanalysis can safeguard it from drifting towards the defense of liberal capitalism in scenarios of concrete political crises.

Keywords: Psychoanalysis, Politics, Revolution.

INTRODUÇÃO

A relação da psicanálise, assim como de demais autores e autoras da área com a política, mais ainda com a política revolucionária, é complexa e matizada. Embora em seu princípio não se tenha proposto ou mesmo desempenhado uma postura mais ativa no que diz respeito à quem serviam as percepções analíticas, as ideias de muitos dos e das intelectuais que fissuram determinadas correntes pouco implicadas da teoria psicanalítica influenciaram e ainda influenciam as discussões sobre como a política e a psicanálise podem e devem se interconectar.

Neste sentido, a proposta do artigo é investigar as condições históricas e teóricas que permitiram a persistente conjugação entre a psicanálise e uma política de esquerda. Para tal, faremos um breve apanhado dos principais autores e movimentos que ousaram articular psicanálise e política revolucionária, diferenciando as apropriações que campos díspares desta última fizeram da teoria e clínica psicanalítica, além de levantar algumas das possíveis incidências clínicas desta aproximação.

A fim de explicitar nossa escolha metodológica, cabe ressaltar que em termos lacanianos, uma "esquerda psicanalítica" não existe. Ao menos não como uma unidade homogênea e apriorística (STAVRAKAKIS, 2010). O que significa que, apesar de não ser numerosa, mesmo as atuais apropriações políticas revolucionárias da obra de Freud e Lacan são díspares e compreendem desde uma política democrática e reformista (LACLAU; MOUFFE, 2015), até uma marcadamente socialista (ZIZEK, 2013), passando por outra que, apesar de centrada no anticapitalismo, engaja-se com múltiplos movimentos de liberação (ALEMÁN, 2010; PARKER; PAVON-CUELLAR, 2022).

Diante desta diversidade, nosso intuito com este escrito é menos o de descrever com rigoroso detalhismo as décadas de assimilações práticas e teóricas entre a política revolucionária e a psicanálise do que analisar quais as condições históricas e presentes na própria obra psicanalítica permitiram que estas apropriações sejam realizadas. Desta forma, e focando nas produções de Freud e Lacan, trata-se de uma análise teórica em psicanálise, cuja definição compreende: "submeter a teoria psicanalítica a uma análise crítica com finalidade de verificar sua lógica interna, a coesão estrutural dos seus conceitos e as condições de sua possibilidade" (GARCIA-ROSA, p. 119, 1993).

Considerando que as elaborações conceituais que surgiram como produto das aproximações entre a política revolucionária e a psicanálise não se realizaram isolada da realidade histórico-material, optamos por mesclar a pesquisa teórica com o método do materialismo histórico-dialético por considerar que ele nos permite tanto perseguir historicamente a construção conceitual dos autores e a inter-relação entre eles, como evidenciar os contextos históricos e sociais dos quais se faz possível pensar uma política revolucionária através do ensino de Freud e Lacan. Este método, que orientou a escrita da problematização deste projeto, se caracteriza pelo "movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens durante a história" (PIRES, 1997, p. 87).

O arcabouço teórico consiste em autores que sistematizaram as relações entre uma política revolucionária e a psicanálise de Freud e Lacan ao longo da história. Assim, revisamos uma bibliografia narrativa organizada em dois eixos: 1) revisão dos livros e textos de pensadores, alguns dos quais supracitados, cuja obra giram em torno desta articulação; 2) livros e textos que contribuam para a compreensão do momento histórico e social no qual a articulação fora realizada.

Dadas as proposições investigativas e metodológicas, justificamos a reflexão do artigo em ao menos três níveis, a saber, 1) individual, 2) acadêmico e 3) social. De antemão, salientamos que essas ordens de motivação são desdobramentos de incômodos pessoais com os quais temos nos confrontado insistentemente no período de formação, mas que se aprofundaram a partir da autorização como analista e exercício da clínica, e que giram em torno dos seguintes questionamentos: a quem serve uma análise e o que significa ser um analista em uma periferia do capitalismo global marcada por históricas e abissais desigualdades? Se o espaço não nos permitir circunscrever o impacto do incômodo nas justificativas a seguir, podemos ao menos afirmar que é dele que elas partem.

Primeiramente, o interesse por essa discussão se deve às reações de parte majoritária das instituições psicanalíticas diante do cenário político brasileiro. Em 2018, quando chegou a vez do Brasil enfrentar sua própria ameaça fascista na figura de Bolsonaro, as escolas de psicanálise também decidiram que deveriam se posicionar politicamente. Em vivências escolares, acompanhamos o processo de lançar mão do mesmo argumento utilizado pela ECF na França em 2017 para justificar a urgência da manifestação: era preciso condenar qualquer ameaça ao Estado de Direito e defender a democracia pois esta é condição para o exercício da psicanálise.

Acontece que, diante de marcadores sociais específicos como raça e classe, sabíamos que a democracia jamais existiu de forma plena no Brasil. Talvez o Estado de Direito vigorasse nas imediações do prédio onde se reunia semanalmente para leitura dos seminários de Lacan, mas em menos de 5 km de distância a democracia existia somente como abstração esvaziada de sentido concreto para parte expressiva da população exposta a toda sorte de discriminação, supressão de direitos fundamentais e refinadas técnicas de violência e desaparecimento praticadas pelo ou com anuência do próprio Estado. Particularmente, aquilo significava duas coisas: ou aqueles analistas estavam alheios à política e, conseqüentemente, a realidade e demandas das classes populares, ou eles de

fato estavam certos e a psicanálise deveria se restringir a elite dos grandes centros urbanos.

Avançando analiticamente nesta discussão, compreendemos que a resposta veio quando, diferente da França, o neofascismo efetivamente chegou ao poder no Brasil e, apesar de todas as atrocidades cometidas por um governo profundamente antidemocrático, a psicanálise continuava a existir e talvez com ainda mais relevância, haja vista que o aumento do sofrimento psíquico, motor da clínica, é proporcional à escalada da exposição a discursos de ódio, perseguição a minorias e supressão de direitos (SAFATLE et al, 2020).

Em larga escala, reconhecer que efetivamente nada mudou para a psicanálise em um governo autoritário só podia significar, como defende Tupinambá (2019, p. 200), que todo o esforço das instituições lacanianas em defender a democracia talvez se deva ao fato de que era preciso resguardar a “fantasia de que clinicar é em si um ato político subversivo” que tornaria a psicanálise visada em um contexto antidemocrático, quando, na verdade, a despeito de toda discussão sobre a não regulamentação estatal da sua prática, a psicanálise parece já se encontrar devidamente regulada e salvaguardada pela lógica da reprodução capitalista. Desta feita, este projeto visa, entre outras coisas, se ocupar de responder qual seria, efetivamente, a subversão da psicanálise laciana que a tornaria incompatível com o fascismo e, ao mesmo tempo, uma das mais frequentes interlocutoras das teorias políticas de esquerda nos últimos anos (STAVRAKAKIS, 2010).

O interesse desta escrita, por sua vez, reside na constatação de que, seja na universidade ou nas escolas psicanalíticas que os autores atualmente frequentam, não é raro que a psicanálise seja tomada como uma teoria e clínica que, dotada de uma subversão inata, seria politicamente autossuficiente. Isso explicaria porque, diante da expansão da massa fascista em 2017, assistimos parte considerável das instituições de psicanálise redundarem no incentivo a leitura dos textos freudianos ditos sociológicos mas sequer cogitarem a leitura de um autor das ciências políticas que efetivamente pudesse somar aos saberes prévios dos analistas na apreensão de um problema político concreto. Está claro, portanto, que a pretensão da autossuficiência do nosso campo em explicar fenômenos políticos solapa a sua carência de embasamento político. Realidade a qual este projeto visa fazer frente.

Por fim, tratando do interesse social, cabe salientar que, apesar de não ser regulamentada como uma profissão, a psicanálise é um trabalho no sentido marxista do

termo. Ou seja, à despeito da discussão sobre se aquele que procura uma análise está verdadeiramente ciente do que ocorre em um divã, fato é que há um conjunto de pessoas intituladas analistas, no qual nos incluímos, que pagam contas e garantem sua subsistência através da venda de uma atividade cujo produto um terceiro está disposto a pagar para ter acesso. Isso implica em lembrar que a psicanálise não somente não anda ao largo da economia-política, mas que o analista e sua clínica, dialeticamente atravessam e são atravessados pela realidade material. Desta feita, considerando que a teoria é o subsídio da clínica, um projeto como esse, bem como os questionamentos supracitados, apesar de parecerem exclusivamente teóricos, tem desdobramentos claros no serviço que a psicanálise presta à sociedade através da sua prática clínica.

Para mencionar apenas um exemplo de como a conjugação entre psicanálise e política revolucionária pode contribuir para a crítica e aprimoramento da clínica, recorremos a Althusser (1976/1985), segundo o qual a conceituação lacaniana de sujeito por si só atentaria contra a base filosófica da ideologia burguesa do homem marcada pela tríade razão-consciência-liberdade que, por sua vez, também é a base da moral jurídica burguesa. Ora, afirmar que a clínica lacaniana não se guia pelos mesmos termos que a ideologia burguesa do homem e tampouco pela moral jurídica burguesa já não implica necessariamente em uma crítica a uma expressiva corrente lacaniana, como podemos constatar em Forbes (2012), que encontra na responsabilização do sujeito o seu horizonte maior de intervenção clínica? Pensar a psicanálise politicamente é, portanto, também um convite para repensar a natureza social da sua prática.

Sendo assim, no primeiro item do artigo, discutiremos as dinâmicas freudo-marxistas e como elas se entrelaçam e versam momentos historicamente elitizados da construção da teoria psicanalítica, bem como as aproximações entre psicanálise e política revolucionária. Já no segundo item do texto, trataremos dos deslocamentos lacanianos na/da política revolucionária no seu trajeto construtivo junto a grandes autores e autoras que contribuíram para a dialogia entre uma psicanálise implicada politicamente e os processos políticos que foram e ainda são intuídos nesta construção constante.

1 PSICANÁLISE E REVOLUÇÃO: OS ESTOPINS FREUDO-MARXISTAS

Uma luta de classes atravessa a psicanálise (PARKER; PAVON-CUELLAR, 2022). Uma afirmação dessa natureza não implica a simples reiteração das indiscutíveis iniquidades no acesso à psicanálise enquanto método terapêutico historicamente elitizado

e enraizado na burguesia, mas, visa, sobretudo, pôr em relevo a matriz eminentemente conflitiva desta ciência cuja história parece ser marcada por um profundo antagonismo entre uma força revolucionária, engajada em mobilizar o seu repertório conceitual e clínico em prol de processos radicais de transformação social, e outra, revisionista, cujos esforços concentram-se em neutralizar o caráter disruptivo da descoberta freudiana e transformá-la em uma prática adaptativa subalterna às dinâmicas sociais de dominação.

Não ousamos, com isso, alegar que a teoria e clínica elaboradas por Freud possuam uma relação intrínseca com a práxis política revolucionária, afinal, sabemos que tanto Freud quanto Lacan compartilharam de uma apreensão no mínimo sarcástica e desconfiada dos movimentos revolucionários de seu tempo e que o primeiro, apesar de contemporâneo de Marx, desenvolveu sua obra de forma autônoma e até mesmo, eventualmente crítica a este, enquanto o segundo, apesar de ter reunido dezenas de militantes maoístas em torno de seu ensino e da sua escola, estava bem longe de ser socialista, como atesta Roudinesco (1993). No entanto, é notável que proíquas articulações entre psicanálise e a teoria política crítica foram realizadas ao longo da história, em um movimento dialético que, unindo distanciamentos e assimilações, não somente contribuiu para o progresso de ambas as ciências, como ainda reverbera até hoje nas humanidades, em especial nos campos da teoria social e análise cultural.

Se é verdade que Freud não era alheio às desigualdades que assolam a classe trabalhadora, haja vista ter se mostrado sensível à “vida difícil” do pobre e suas repercussões neuróticas, bem como defendido energicamente seu desejo de garantir o acesso à terapia psicanalítica para as camadas populares da sociedade (FREUD, 1919/2018, p. 201), isso não garantiu que ele fosse entusiasta de uma revolução proletária. É relativamente conhecido o ceticismo com o qual abordou os ideais marxistas, que ele ora rotulou como “ilusões insustentáveis” (FREUD, 1930/2020), ora definiu como uma visão de mundo tão totalitária e aversiva a críticas e ao livre pensamento quanto uma religião (FREUD, 1933/2010).

Com efeito, ainda que possamos argumentar que as críticas direcionadas a Marx se devam ao seu baixíssimo grau de conhecimento sobre a obra marxista, como o próprio fez questão de reiterar (FREUD, 1933/2010), ou a uma leitura enviesada de “segunda mão” que nunca chegou a se confrontar diretamente com os escritos do pai do materialismo histórico, como sugere Hilário (2014), fato é que tais afirmações freudianas podem ter sido decisivas para a suspeição e distanciamento sustentado por gerações de psicanalistas para com questões políticas e, especialmente, com as pautas de esquerda.

Cenário pelo qual Lacan, evidentemente, não é isento de responsabilidade. Como precisa Jorge Alemán (2010), prevalece entre os lacanianos uma espécie de conservadorismo apartidário que, amparando-se na sua suposta capacidade de desvelar “semblantes” e apontar o idealismo e narcisismo das causas perdidas, acaba por redundar na manutenção irrestrita do *status quo*. Ademais, é patente como aqueles que ainda hoje advogam pelo caráter inconciliável entre psicanálise e revolução não raramente se amparam na ambiguidade da reação de Lacan aos movimentos de esquerda que atravessaram a França em 1968 e, em especial, na célebre resposta direcionada aos universitários militantes que o indagavam, dentre outras coisas, sobre a posição da psicanálise diante da insurreição. Não seria mera casualidade afirmar que ao postular, naquela ocasião, que “a aspiração revolucionária só tem uma chance, a de culminar, sempre, no discurso do mestre”, Lacan (1969-1970/1992, p. 196) contribuiu e muito para que o ímpeto revolucionário pudesse ser apreendido por gerações de analistas como histeria, “sintoma” a ser interpretado analiticamente ou mero efeito das formações de massas a ser combatido.

À despeito dessa breve digressão, as aproximações entre psicanálise e política revolucionária são antigas e numerosas e tiveram início, como veremos, na tentativa de conjugar a teoria freudiana com a marxista para dar conta de acontecimentos políticos e contradições sociais. Mas o que tornou possível associar pensadores que, à priori, nada têm em comum e cujos programas dizem respeito a objetos de investigação radicalmente distintos? Sobre isso, nos resta salientar que, apesar do aparente contrassenso, a própria vastidão da experiência intelectual de ambos os autores facilitou com que o curso das pesquisas de Marx e Freud viesse a eventualmente se cruzar. Isto porque, tendo se dedicado a analisar os processos de individuação, não demorou para que Freud desembocasse em uma reflexão sobre a relevância das determinações sociais para o desenvolvimento do psiquismo e para a produção de sofrimento psíquico, enquanto Marx, por sua vez, comprometido em levar a análise dos modos de produção capitalista às últimas consequências, foi capaz de sobejar em férteis elaborações sobre o funcionamento psíquico e a constituição dos indivíduos (PAVÓN-CUÉLLAR, 2021).

Logo, pensando politicamente as relações sociais, Marx acabou por dizer algo sobre o psiquismo, e Freud, pensando clinicamente o psiquismo “individual”, acabou por fazer ponderações com desdobramentos políticos decisivos para as relações sociais, como podemos verificar em uma constelação de textos que analisam criticamente a cultura e os processos de socialização, tais quais “A moral sexual ‘cultural’ e a doença nervosa

moderna” (FREUD, 1908/2020), “Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte” (FREUD, 1915/2020), “Psicologia das massas e análise do Eu” (FREUD, 1921/2020) e “O mal-estar na cultura” (FREUD, 1930/2020). Obras que, além de evidenciar que qualquer diferenciação entre uma abordagem individual ou social do psiquismo é absolutamente desprovida de sentido (FREUD, 1921/2020), atestam que, desde as elaborações de seu fundador, a psicanálise nunca se contentou em ser uma mera terapêutica do sofrimento psíquico, pois sempre se ocupou de demonstrar como no âmago da sua descoberta pulsa um modelo de crítica às dinâmicas de sujeição social.

Esse entrecruzamento entre os fenômenos psíquicos e sociais talvez explique porque, apesar de ter refletido sobre a cultura, as relações sociais e alguns dos acontecimentos históricos do seu tempo sem ter recorrido diretamente a Marx, não demorou para que Freud presenciasse a psicanálise ser conjugada às perspectivas marxistas sobre as relações de classe e conflito social. O pai da psicanálise ainda estava vivo quando uma vertente de psicanalistas, cujos nomes mais representativos são Erich Fromm, Otto Fenichel, Siegfried Bernfeld e Wilhelm Reich, efetivaram as primeiras experiências de aproximação entre psicanálise e marxismo entre os anos de 1920 e 1930. Atravessados pelos acontecimentos políticos de sua época, esses teóricos, aos quais se convencionou denominar de “freudo-marxistas”, ousaram tensionar ambas as ciências em um movimento que visava, simultaneamente, inscrever a psicanálise no rol das teorias aliadas às causas revolucionárias ao endossá-la como ciência materialista, e tomá-la como instrumento privilegiado de análise e interpretação de impasses políticos práticos enfrentados pela comunidade marxista internacional (ROUANET, 1986).

Se quisermos compreender esse duplo movimento em jogo no programa intelectual mobilizado pelos freudo-marxistas no entre guerras, precisamos, antes, voltar nossa atenção para o cenário político com o qual se deparavam. Dois grandes acontecimentos históricos surpreenderam os partidos comunistas internacionais e haviam posto em suspeição a teoria marxista tal como ela fora apreendida por parte expressiva dos marxistas da época: a Revolução Russa de 1917 e a ascensão do partido nazista na Alemanha em 1933.

Ocorre que as condições materiais de ambos os países contrariavam as análises de socialistas do mundo inteiro que, orientados por uma certa hermenêutica marxista que preconizava que uma revolução proletária dependeria de algumas condições sócio-históricas específicas, tais quais o pleno desenvolvimento dos modos de produção capitalista – que na época representava, dentre outras coisas, o avanço do processo de

industrialização e a consolidação da hegemonia burguesa –, e o amplo fortalecimento e conscientização do operariado, não puderam prever resultados tão contraditórios.

Na Rússia, onde o capitalismo encontrava-se em fase tardia de desenvolvimento e a classe trabalhadora, majoritariamente campesina, era considerada demasiado inexpressiva e desorganizada, um levante proletário derrubou a monarquia e levou o Partido Bolchevique ao poder. Paralelamente, a Alemanha, que dispunha das condições materiais supostamente ideais para efetivar um processo revolucionário, dentre elas, um capitalismo em estado avançado de industrialização e um consistente proletariado com experiência em revoltas e ostensivamente sufocado pela miséria causada inicialmente pela hiperinflação que o assolou entre 1921 e 1923 e, posteriormente, pela crise de 1929, flertava cada vez mais intensamente com o conservadorismo, a ponto de, através de meios legais, levar o partido nazista ao poder (ROUANET, 1986).

Tal encruzilhada simultaneamente histórica e teórica na qual se encontrava o marxismo fora decisiva para as elaborações dos freudo-marxistas, na medida em que confrontavam a psicanálise com dois desafios distintos, quais sejam: 1) reafirmar a materialidade da psicanálise diante do descrédito e das acusações que o marxismo soviético direcionou a esta, que passou a ser taxada como ciência idealista incompatível com a objetividade do materialismo histórico; e 2) lançar mão do arsenal teórico-conceitual da psicanálise enquanto “doutrina do funcionamento psíquico da ação irracional” (ROUANET, 1986, p. 14) para propor explicações sobre porque a classe trabalhadora alemã fora capaz de se engajar numa onda conservadora e agir contra seus próprios interesses.

Acerca da primeira questão, cabe salientar que a psicanálise foi inicialmente aceita e amplamente promovida na Rússia por Lênin com o apoio de Trotsky que a consideravam uma ciência estratégica para as experiências culturais e educacionais de consolidação do homem novo por ser uma “espécie de antídoto ao pensamento burguês” (MANIAKAS, 2019, p. 130). Para os bolcheviques, a psicanálise seria um saber privilegiado no dismantelamento das estruturas tradicionais de dominação social mantidas, entre outras coisas, pela divisão sexual do trabalho e pela organização patriarcal da família, de tal forma que ainda na década de 1920 e tendo recebido vasto suporte estatal para sua implementação, os círculos psicanalíticos soviéticos dispunham de um Instituto de Formação, um Ambulatório que assegurava o acesso a análise para qualquer pessoa, com encaminhamento ou não, nos moldes pensados por Freud (1918/2018) e, ainda, a

primeira pré-escola do mundo cujo método e organização eram pautados exclusivamente na psicanálise (MANIAKAS, 2019).

Foi somente após a morte de Lenin e a ascensão de Stalin ao poder que a psicanálise veio a se tornar ciência *non grata* e ser sistematicamente perseguida na Rússia. Pois, tendo passado por um significativo processo de radicalização ideológica que identificou o método do materialismo histórico à objetividade e imutabilidade das ciências naturais e o transformou em método científico e racionalidade hegemônica, a URSS stalinista passou a privilegiar as ciências que se debruçam sobre a realidade concreta em detrimento do suposto idealismo psicanalítico (ROUANET, 1986). Desta forma, ao passo que a reflexologia fisiologista de Pavlov gradativamente foi se tornando referência central das pesquisas psicológicas russas, a psicanálise, desprovida do seu estatuto científico e taxada de saber burguês, fora reprimida e seus poucos defensores se tornaram alvo de severas críticas, como aquelas redigidas por Bakhtin (1927/2001) no livro “O freudismo”.

Nesse contexto, a estratégia encontrada por alguns expoentes do freudo-marxismo, em especial, Bernfeld (1926 apud ROUANET, 1986) e Fenichel (1934 apud ROUANET, 1986), para responder a este impasse objetivava a reafirmação da compossibilidade entre marxismo e psicanálise através do destacamento do seu caráter natural e do compromisso desta com o materialismo histórico-dialético. O trajeto intelectual percorrido pelos psicanalistas fora resumido por Rouanet (1986, p. 17) nos seguintes termos:

Bernfeld define a psicanálise como a “ciência da história psíquica do indivíduo e da humanidade”. Fenichel fala em “história natural da Alma”. É uma ciência empírica, e como tal não pode estar em contradição com o marxismo, como não o está a astronomia. É uma ciência materialista, porque seu substrato é a biologia. É uma ciência materialista, porque seu método é a pesquisa genética, o desvendamento biográfico do indivíduo. E é uma ciência dialética, porque sua essência é o conflito, a estrutura dicotômica: Ego versus ID, Libido do Objeto versus Libido Narcisista, Eros versus Tanatos.

Mas o que parece uma subalternização irrefletida da psicanálise diante do materialismo histórico stalinista, na verdade, se apresenta como um profícuo presente de grego, haja vista que menos interessados em negritar o naturalismo e biologismo da psicanálise do que em unir forças com o marxismo a fim de oxigenar e reiterar a dimensão subversiva da psicanálise, os projetos empreendidos por Fenichel e Bernfeld inauguraram

uma tradição intelectual que se servem mutuamente da psicanálise e do marxismo como instrumento crítico de análise dos obstáculos e potencialidades para a revolução.

Para eles, mais do que simplesmente garantir a aceitação da psicanálise pelo marxismo, o que de fato interessava era consolidar uma reflexão que permitisse o tensionamento das categorias conceituais de ambas as teorias, de modo que tanto a psicanálise quanto o marxismo pudessem ser confrontados um pelo outro e até por si mesmo com o intuito de produzir inflexões que potencializassem sua soberania como “armas da crítica” capazes de desnudar a ação e os efeitos da ideologia no interior das sociedades capitalistas (ROUANET, 1986).

Pode-se afirmar que a ideologia seria um ponto comum entre os freudo-marxistas, que se ampara na análise desta para responder ao segundo desafio supracitado, a saber, a pretensa irracionalidade em voga no gesto do proletariado alemão de trair sua própria classe e lançar-se em marcha conservadora. Para Bernfeld (1926 apud ROUANET, 1986) e Fenichel (1934 apud ROUANET, 1986), a explicação repousaria sobre os profundos impactos que a ideologia burguesa provoca no psiquismo ao generalizar a moral e a constelação de interesses da classe dominante, alienação diante da qual a classe trabalhadora estaria consideravelmente mais vulnerável em decorrência do seu restrito acesso à instrução e educação que lhe permitisse desgarrar-se deste processo de dominação subjetiva.

Outros psicanalistas de inspiração marxista, como é o caso de Reich (1933/2001), por exemplo, ampliaram o debate e mapearam no caráter nuclearmente repressivo e autoritário das instituições burguesas, como a família e a igreja, a matriz que explicaria a psicologia de massas do fascismo e a tendência manifesta no operariado a introjetar o poder e permitir-se ser guiado pelos seus próprios algozes. Muito resumidamente, segundo este autor a inibição sexual promovida por estas instituições estaria na base da reprodução do sistema social autoritário na medida em que constituiria indivíduos concomitantemente submissos e com expressiva tendência a se identificar com líderes autoritários, o que, entre outras coisas, garantiria que uma situação econômica desfavorável não se traduzisse necessariamente em uma revolta pois, além de docilizado moralmente, o indivíduo que compõe a massa fascista teria sua consciência política interceptada pela ligação estabelecida com a autoridade.

Notavelmente, a experiência teórica dos freudo-marxistas no período tratado, pode ser entendida como o estágio incipiente de uma profícua tradição intelectual crítica, cuja produção mais popular repousará sobre a primeira geração de teóricos do que se

convencionou denominar Escola de Frankfurt, marcada pela estratégia de articulação dos pensamentos de Marx e Freud com o propósito de lançar luz sobre a dimensão subjetiva da história que havia se perpetuado como “ponto cego” da teoria marxista (GENEL, 2017).

E se essa apresentação faz parecer que novamente a psicanálise tenha sido mobilizada exclusivamente para ajudar a responder impasses políticos e insuficiências da teoria marxista, efetivamente, o programa investigativo frankfurtiano implicou em um expressivo arejamento da teoria psicanalítica. Uma vez que, seja para retomar algumas das questões levantadas pelos acontecimentos históricos analisados pelos freudo-marxistas, tal como a tendência do proletariado em contradizer a própria realidade material e se submeter ao autoritarismo (ADORNO, 2015), ou para dar conta das sombras evidenciadas a partir da barbárie representada pela Segunda Guerra Mundial (ADORNO; HORKHEIMER, 1947/1985), os pensadores frankfurtianos, longe de fazerem uma mera assimilação acrítica da psicanálise, se empenharam em uma revisão da teoria freudiana que a liberasse de suas limitações deterministas e resgatasse a sua dimensão subversiva.

2 DESLOCAMENTOS LACANIANOS NA/DA POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA: ASSIMILAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DE ONTEM E HOJE

Mas se os marxistas alemães foram relativamente receptivos à psicanálise, na França entre e pós-guerra, onde Lacan tentava engrenar seu ensino, a situação era diametralmente oposta. A estratégia stalinista de elevar o materialismo histórico a ciência total estava em pleno vapor, o que motivou os socialistas franceses a emplacarem ferrenhas críticas contra a ciência freudiana e, assim como aconteceu na Rússia soviética, a julgarem inconciliável com o marxismo.

De férteis contestações fundamentadas numa leitura rigorosa e original da obra de Freud, como é o caso de Politzer (2022), a apressadas condenações ideologicamente orientadas, como o texto “*Autocritique: La psychanalyse idéologie réactionnaire*” (BONNAFÉ et al, 1949)¹ publicado na revista oficial do Partido Comunista Francês (PCF), e no qual Lacan aparece como um dos poucos “alvos” a serem nominalmente citados, a tônica geral das críticas passava por uma deslegitimação do estatuto científico da psicanálise em decorrência do seu suposto idealismo e irracionalidade responsável por minar sua materialidade.

¹ Disponível em: <http://psychiatrie.histoire.free.fr/traitmt/psycho/psych/reac.htm>.

Esse cenário perdurou até pelo menos a segunda metade da década de 1950, quando novamente o próprio marxismo se confrontou com uma crise que, desta vez, colocava em risco a sua própria manutenção, a saber, a publicização em 1956, na ocasião do XX Congresso do Partido Comunista da URSS, das diversas arbitrariedades e supressões da legalidade socialista cometidas por Stalin. Tal acontecimento provocou uma cisão no interior do PCF: enquanto parte dos camaradas manteve-se fiel à doutrina stalinista que apreendia o materialismo como razão universal (e, conseqüentemente, avessa à psicanálise), a outra parte, guiando-se pelos primeiros escritos marxistas e insatisfeita com a desvirtuação do Estado soviético, passou a flertar com certas filosofias humanistas burguesas que, ao invés de focar na luta de classes e na determinação histórica-material das relações sociais, compreendia o homem como agente transhistórico cuja essência e liberdade universal seria responsável por determinar a evolução das sociedades (EVANGELISTA, 1985).

É neste contexto que intercedeu Althusser, filósofo militante do PCF, que, em oposição a ambas as correntes, propôs um retorno à Marx que redundou em uma nova conjugação entre psicanálise e marxismo. Isso porque além de mobilizar estrategicamente conceitos psicanalíticos em seu programa de revitalização do materialismo², o comunista encontrou em Lacan um interlocutor privilegiado ao reconhecer que a experiência intelectual que o psicanalista estava desenvolvendo tanto proporcionava artifícios teóricos cruciais para o tratamento de questões caras para o marxismo, quanto compartilhava de um problema semelhante ao seu, haja vista que também fundamentava-se em um retorno a Freud cuja finalidade era realizar uma assepsia da ciência freudiana que, assim como a marxista, encontrava-se ameaçada por certas leituras enviesadas (GILLOT, 2018).

Em linhas gerais, para o filósofo, ao ousar recuperar a radicalidade subversiva da descoberta freudiana do revisionismo imposto pelas interpretações das escolas americanas, Lacan não só reafirmou o estatuto científico da psicanálise, provocando um furo no dogmatismo stalinista, ao delimitar muito claramente o seu objeto – ou seja, o inconsciente –, seus modos de funcionamentos e suas leis que, estruturadas como uma

² É o caso do conceito de sobredeterminação que foi vastamente utilizado por Althusser na obra “Por Marx” (1965/1979) para evidenciar a ruptura existente entre a dialética marxista daquela proposta por Hegel. Para o filósofo, esta, dentre outras descontinuidades presentes na obra marxista, como a própria ruptura com a noção essencialista de homem que embasava a teoria marxista de alienação, justificaria o famigerado corte epistemológico que demarcaria um Marx da “juventude”, voltado para a filosofia, de um outro da “maturidade”, engajado na análise materialista da economia.

linguagem, eram significativamente materialistas (ALTHUSSER, 1964/1985), como também deu um golpe fatal no humanismo burguês que, tendo focado na autonomia do Eu, fomentava uma noção ideal de sujeito para o capitalismo: o *homo psicologicus*, correlato ao *homo economicus* combatido por Marx, e que se define como um agente idêntico a si mesmo, auto-determinado, desprovido de condicionantes históricos e sociais e absolutamente racional e orientado pelo cálculo da maximização da satisfação (ALTHUSSER, 1976/1985).

Com efeito, de acordo com Althusser (1976/1985), ao se negar a tomar a consciência como fundamento para compreensão da dinâmica psíquica, a psicanálise coadunaria com o marxismo na medida em que este igualmente se recusa a partir da noção essencialista de homem para explicar a sociedade. O que implica em dizer que não somente a psicanálise e o marxismo contribuem para abolir uma centralidade originária, como a própria suposição do inconsciente e da luta de classes fragilizaria a base filosófica da ideologia burguesa³ que, naquele contexto, infiltrava-se no marxismo.

A relevância de Lacan para o Althusser não se esgotou nesse cenário, dado que ele ainda recorreria às elaborações lacanianas sobre o caráter imprescindível das alienações simbólicas e imaginárias para a individuação a fim de fundamentar um dos seus textos mais famosos, a saber, “Aparelhos ideológicos do Estado” (ALTHUSSER, 1970). No entanto, para o nosso projeto, cabe sinalizarmos o impasse no qual o próprio Althusser se encontrava ao retirar da psicanálise alguns dos elementos centrais da sua crítica ao marxismo da época: para que ela fosse possível e seu programa de releitura de Marx inspirado na releitura lacaniana de Freud fosse minimamente considerado pelo PCF, antes ele precisava limpar a imagem idealista que o partido tinha do Lacan e facilitar o acesso da comunidade intelectual ao ensino do psicanalista que à época se restringia majoritariamente à aristocracia médica que frequentava seus seminários no Hospital de Saint-Anne.

Segundo Gillot (2018), a saída encontrada por Althusser redundou em dois acenos para Lacan, um de cunho eminentemente teórico e outro prático, cujos desdobramentos foram decisivos para a própria história da psicanálise lacaniana como conhecemos. Em

³ Diante do tema deste projeto, não seria mera casualidade destacar que, para Althusser (1976/1985), isto explicaria porque tanto a psicanálise quanto o marxismo são “ciências conflituosas” marcadas por rompimentos, conflitos e releituras. Por conterem algo de “verdadeiro e perigoso” que atenta contra a ideologia burguesa dominante, há sempre uma tentativa de neutralização do seu caráter subversivo que, partindo de fora dessas teorias, acaba por se infiltrar em seu interior de modo que não raramente resulta em cisões e revisões.

1964, ano em que Lacan foi desligado da Associação Psicanalítica Internacional, Althusser publicou um texto intitulado “Freud e Lacan” na revista oficial do PCF, rebatendo diretamente, com alguns dos argumentos explicitados acima, o texto “*Autocritique*”, publicado no mesmo periódico em 1949 e no qual o psicanalista tinha sido frontalmente criticado. Paralelamente, o filósofo aproveitou o exílio no qual Lacan se encontrava após a “excomunhão” da IPA, que também havia lhe custado a manutenção de seus seminários em Saint-Anne, para oferecer a ele um espaço na *Ecole Normale Supérieure*, onde era docente, para que pudesse dar continuidade ao seu ensino.

Ocorre, no entanto, que mais do que disponibilizar um mero espaço físico para Lacan, Althusser ofereceu um público atento e dedicado formado majoritariamente por seus orientandos que dispunham de um farto embasamento na obra marxista (GILLOT, 2018). O que se sucedeu a partir daí foi um movimento que, encabeçado por intelectuais como Serge Leclaire, Jean-Claude Milner e Jacques-Alain Miller – que permanecem até hoje como grandes referências lidas por gerações de psicanalistas, inclusive brasileiros – assimilou a epistemologia crítica althusseriana e propôs uma criteriosa e inovadora articulação entre psicanálise lacaniana e marxismo que culminou com a publicação do periódico *Cahiers pour l'Analyse*, programa radical de renovação da filosofia da época. Não obstante a maioria dos pensadores tenha posteriormente rompido com o marxismo, como é o caso do Miller, pode-se afirmar que a empreitada dos *Cahiers* antecipou a experiência intelectual de alguns dos mais influentes filósofos a conjugarem Lacan e Marx até os dias atuais, tais quais Zizek e Badiou.

Essa breve exposição do “althussero-lacanismo” responsável por sedimentar a fértil conjugação entre a psicanálise lacaniana e o marxismo na França da segunda metade do século XX talvez nos ajude a perceber o caráter inesperado dos acontecimentos que se sucederam em algumas das principais escolas lacanianas em 2017 e acabaram resultando na perseguição pública a analistas engajados com a política revolucionária.

Naquele ano, em que o neofascismo assombrava a França na figura de Marine Le Pen, candidata à presidência, a *École de la Cause Freudienne* (ECF) fundada por Jacques-Alain Miller, decidiu que havia chegado a hora dos analistas, enquanto coletivo, se posicionarem politicamente. A justificativa para esse gesto extraordinário se devia ao seguinte raciocínio: era preciso se manifestar contra o fascismo pois este visa a derrubada do Estado Democrático de Direito, sem o qual não há liberdade de expressão que, por sua vez, é condição *sine qua non* para a prática da psicanálise. (TUPINAMBÁ, 2019). Em outros termos, o que exigia que a ECF se engajasse na inédita criação de núcleos,

conferências e petições contra um partido político era o fato de que supostamente a própria manutenção da psicanálise estava em jogo.

Mas não bastava simplesmente se organizar e manifestar contra Le Pen, era preciso rechaçar o candidato de esquerda Jean-Luc Mélenchon e declarar apoio ao neoliberal Emmanuel Macron, pois, segundo a lógica utilizada pela escola (diga-se de passagem, familiar para qualquer militante comunista), ao invés de se configurar como extremo oposto no interior do tabuleiro político, a esquerda se aproximaria da direita na medida em que sua finalidade última seria a instauração de uma ditadura que invariavelmente redundaria na queda do Estado de Direito. Nesse cenário, não só Melénchon representava em um risco para a psicanálise tanto quanto Le Pen, mas a própria esquerda era potencialmente perigosa e, portanto, deveria ser combatida (TUPINAMBÁ, 2019).

Com efeito, após ter decidido que Macron era a “terceira via” que contemplava o único espectro político possível para a perpetuação da psicanálise na França, a Associação Mundial de Psicanálise (AMP), igualmente ligada a Jacques-Alain Miller, criou um fórum internacional intitulado ZADIG⁴ com o intuito de promover a psicanálise no debate político. Esse movimento implicava em assumir que há uma orientação política inerente à psicanálise que, amparada na ética lacaniana, seria essencialmente subversiva e imaculada de atravessamentos ideológicos na medida em que radicalmente distinta da política partidária, cujo idealismo totalitário a psicanálise se ocuparia de denunciar ao evidenciar que, à despeito das propostas práticas, na política o “buraco é sempre mais embaixo”, como sugere Barros (2017, p. 1) em texto dedicado ao movimento. Nas palavras da presidente da AMP: “colocar-se a serviço de um partido político significa servir a um outro discurso que não o discurso analítico. ZADIG não é um partido político em que as pessoas renunciam à sua liberdade de pensamento” (HARARI, 2017, p. 1).

Não por acaso, como aponta Tupinambá (2019), para compor este seletivo grupo responsável por fomentar a política lacaniana “sangue puro” era necessário cumprir algumas exigências, dentre elas, não ser filiado a qualquer movimento ou partido político. O que, evidentemente, causou grandes expoentes da esquerda lacaniana, tais quais Jorge

⁴ Trata-se do fórum ZADIG, sigla para *Zero Abjection Democratic International Group*, que chegou a emplacar uma campanha no Brasil intitulada “O real da psicanálise é a nossa moeda”. Os princípios do movimento são apresentados *en passant* no texto disponível em: https://www.ebp.org.br/correio_express/000/texto2.html.

Alemán, Slavoj Žižek e David-Pavón Cuellar, ao sugerir que estes aviltavam a legítima forma de participação da psicanálise no debate político⁵.

Ora, a ideia de que há um caráter político inerente ao pensamento lacaniano não se restringe às escolas vinculadas ao Jacques-Alain Miller. É relativamente patente que renomados analistas lançam mão do repertório conceitual de Lacan para realizar certas prescrições sobre qual seria a política do psicanalista ou, ao menos, ressaltar o papel do psicanalista na “pólis”. Vemos isso sendo realizado com virtuosidade por Quinet (2021), que ao balizar noções como mais-de-gozar, ignoródio, não-todo e ética do desejo, descreve e analisa uma atuação política crítica do analista sem precisar fazer uma única menção à esquerda ou à política revolucionária.

Mas se é verdade que a psicanálise lacaniana é, em seu núcleo, politicamente autônoma e subversiva a ponto de alguns dos setores mais expressivos do seu ecossistema institucional ora desejarem exorcizá-la de seu passado marcado por assimilações com o marxismo, ora simplesmente assumirem que ela é autossuficiente do ponto de vista da formulação de uma ação política contra hegemônica, o que permite que, ainda hoje, se possa unir termos que à priori nada têm em comum, como aqueles em jogo numa “esquerda lacaniana”? (ALEMÁN, 2010; STAVRAKAKIS, 2010). A resposta para essa pergunta ainda resta a ser esquadrinhada em pesquisas futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação buscou lançar luz sobre a profícua e complexa interseção entre a teoria e clínica psicanalítica e a política revolucionária, traçando um percurso desde Freud até as recentes controvérsias envolvendo analistas e intelectuais que articulam Marx e Lacan. Ao desdobrar-se em dois tópicos distintos, o estudo mergulhou nas raízes freudomarxistas que fundamentaram a relação entre esses dois campos do saber, e

⁵ Ao longo de 2017, o periódico oficial da AMP, Lacan Quotidien, se tornou o palco privilegiado do rechaço contra os analistas e intelectuais que “ousavam” conjugar Lacan e a política revolucionária, o que culminou com a publicação de uma entrevista concedida por Jacques-Alain Miller na qual ataca frontalmente figuras como Žižek e Badiou e vocifera que a apropriação política da psicanálise empreendida deveria chegar ao fim agora que os analistas haviam sido convocados a sair em defesa da política da psicanálise e do Estado de Direito (MILLER-ROSE; ROY, 2017, p. 10), disponível em: <http://www.lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2017/05/LQ-698-2.pdf>. Ademais, analistas como Jorge Alemán (2017), um dos principais representantes da esquerda lacaniana, também aproveitaram o portal oficial para se insurgir contra a arbitrariedade milleriana, como pode-se constatar em: <http://www.lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2017/05/LQ-694-1.pdf>. Outro posicionamento relevante contra a perseguição aos lacanianos de esquerda partiu de David-Pavón Cuellar, publicado em seu próprio website: <https://davidpavoncuelar.wordpress.com/2017/05/21/notas-para-una-critica-de-la-politica-milleriana>.

posteriormente explorou as históricas aproximações entre a obra lacaniana e a política revolucionária, buscando evidenciar suas tensões e potencialidades.

Em síntese, para melhor circunscrever o que apresentamos na discussão do presente artigo, e considerando que a teoria psicanalítica existe para servir de subsídio para sua clínica, a pergunta que buscamos responder é precisamente a seguinte: quais foram as condições históricas e teóricas que permitiram e permitem, até os dias atuais, a conjugação entre psicanálise e marxismo e suas possíveis incidências clínicas? Ao suscitar uma questão como essa, não somente desejamos contribuir para o resgate de uma parte sintomaticamente excluída de boa parte da história oficial da psicanálise e que diz respeito justamente ao seu engajamento político e compromisso com as classes populares, mas, sobretudo, acreditamos que as respostas encontradas podem contribuir para liberar a psicanálise de desembocar invariavelmente na defesa do capitalismo liberal sempre que confrontada por uma crise política concreta, como a reação das escolas millerianas aos acontecimentos de 2017 parecem sugerir.

Sendo assim, exploramos, com limitações, as intercorrências centrais no que diz respeito às dinâmicas teóricas e práticas desenvolvidas no decorrer da estruturação da psicanálise, além de tecer, numa perspectiva mais geral, como se deram as condições históricas para que determinadas escolhas e posturas fossem incorporadas no meio para transcorrer os processos sofridos aqui retratados.

É claro que este artigo não esgota os meandros da discussão proposta aqui, tampouco assegura que os contextos discorridos resumem total e amplamente o percurso psicanalítico com e através dos autores e autoras recorridos(as). A proposta consistiu num esforço em examinar as circunstâncias históricas e conceituais que possibilitam a atual combinação entre psicanálise e ativismo político revolucionário, mas que não necessariamente condensam apenas entre si as dimensões do debate político que envolve a psicanálise, sendo esta uma das vertentes a serem exploradas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ALEMAN, Jorge. Nota sobre Jacques-Alain Miller. **Lacan Quotidien**, Paris, n. 694, 12 maio 2017. Disponível em: <http://www.lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2017/05/LQ-694-1.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2023.

ALEMAN, Jorge. **Para uma izquierda lacaniana**: intervenciones y textos. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2010.

ALTHUSSER, Louis. **A favor de Marx**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ALTHUSSER, Louis. Freud e Lacan. *In*: ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan. Marx e Freud**: introdução crítica-histórica. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 47-75.

ALTHUSSER, Louis. Marx e Freud. *In*: ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan. Marx e Freud**: introdução crítica-histórica. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 76-93.

BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo**: um esboço crítico. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

BARROS, Romildo do Rêgo. Freud, “liberal à moda antiga”. **Revista Online da Escola Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.ebp.org.br/correio_express/000/texto5.html. Acesso em: 4 jan. 2023.

BONNAFÉ, Lucien *et al.* La psychanalyse, idéologie réactionnaire. *In*: Michel Caire. **HISTOIRE DE LA PSYCHIATRIE EN FRANCE**. França, 1 jun. 1949. Disponível em: <http://psychiatrie.histoire.free.fr/traitmt/psycho/psych/reac.htm>. Acesso em: 4 jan. 2023.

EVANGELISTA, Walter. Introdução crítica-histórica. *In*: ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan. Marx e Freud**: introdução crítica-histórica. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FORBES, J. Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI. São Paulo: Editora Manoele, 2012.

FREUD, Sigmund. A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna (1908). *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião**. O Mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020, p. 65-99.

FREUD, Sigmund. Caminhos da terapia psicanalítica (1919 [1918]). *In*: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**: Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 191-205.

FREUD, Sigmund. Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte (1915). *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião**. O Mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020, p. 99-137.

FREUD, Sigmund. “Novas conferências introdutórias à psicanálise” [1933b] Acerca de uma visão de mundo. *In*: **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930). In: FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião**. O Mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020, p. 305-411.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). In: FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião**. O Mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020, p. 137-233.

GARCIA-ROSA, Luiz. A pesquisa acadêmica em psicanálise. **Anuário Brasileiro de Psicanálise**. Relume Dumará, 1993, p. 118-121.

GILLOT, Pascale. **Althusser e a psicanálise**. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.

HARARI, Angelina. O real da psicanálise é a nossa moeda. **Revista Online da Escola Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.ebp.org.br/correio_express/000/texto2.html. Acesso em: 4 jan. 2023.

HILÁRIO, Leomir. A sombra marxiana em Freud, ou o descompasso constitutivo de um encontro. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2014, v. 26, n. 3, pp. 540-551. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000300003>>. Acesso em: 4 jan. 2023.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-70)**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios, 2015.

MANIAKAS, G. F. A psicanálise nos primeiros tempos da Rússia Soviética. **Discurso**, [S. l.], v. 49, n. 1, p. 127-139, 2019. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.2019.159306. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/159306>. Acesso em: 13 jan. 2023.

MILLER-ROSE, Eve; ROY, Daniel. Entretien nocturne avec Jacques-Alain Miller: dans la nuit du 14 au 15 mai 2017. **Lacan Quotidien**, [s. l.], n. 698, 17 maio 2017. Disponível em: <http://www.lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2017/05/LQ-698-2.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2023.

PARKER, Ian; PAVON-CUELLAR, David. **Psicanálise e Revolução: psicologia crítica para movimentos de liberação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

PAVON-CUELLAR, David; FONSECA, Tradução: Thales. Metapsicologia do capital Metapsicología del capital. **Analytica**, São João del Rei, v. 10, n. 19, p. 1-15, dez. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972021000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jan. 2023.

PAVÓN-CUÉLLAR, David. Notas para una crítica de la política milleriana. In: PAVÓN-CUÉLLAR, David. **Intervenciones inéditas y publicaciones efímeras**. México, 21 maio 2017. Disponível em: <https://davidpavoncuellar.wordpress.com/2017/05/21/notas-para-una-critica-de-la-politica-milleriana/>. Acesso em: 4 jan. 2023.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online]. 1997, v. 1, n. 1, pp. 83-94. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32831997000200006>>. Acesso em: 4 jan 2023.

QUINET, Antônio. **A política do psicanalista: do divã para a pólis**. São Paulo: Atos & Divãs Edições, 2021.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROUANET, Sergio Paulo. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

ROUDINESCO, Elisabeth. **História da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos**. Volume 2: 1925-1985. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

STAVRAKAKIS, Yannis. **La izquierda lacaniana: psicoanálisis, teoria, política**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

TUPINAMBÁ, Gabriel. Depois da não-relação: pensar a compossibilidade entre psicanálise e marxismo após 2017. **Teoría y Crítica de la Psicología** [online], Michoacan, v. 13, p. 185-205, 2019. Disponível em: <http://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/256>. Acesso em: 4 jan. 2023.

ZIZEK, Slavoj. **Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.